

ADEUS AO ÍCONE

O vendedor de alegria

Silvio Santos deixa um legado de carisma e simpatia, ao se consagrar como o maior comunicador da história do Brasil

» EDUARDO FERNANDES

Lourival Ribeiro/SBT/Divulgação



Silvio Santos, uma referência da comunicação brasileira, começou a carreira como camelô. Tinha no sorriso a sua principal característica

Reprodução/SBT



Aos servir o Exército, aos 18 anos, o apresentador foi paraquedista

Se o substantivo carisma precisasse de mais um sinônimo no dicionário, Silvio Santos certamente se encaixaria nessa definição. O microfone preso ao colarinho, a voz inconfundível e a risada marcante. Trejeitos que o levaram ao topo da comunicação no país. Os programas carregados de leveza e risada, o bom humor sempre presente nas atrações.

Em 12 de dezembro de 1930, nascia aquele que mudaria a maneira como o Brasil consumiria entretenimento e diversão. Na certidão de nascimento, Senhor Abravanel. No Olimpo da comunicação brasileira, Silvio Santos. Nome que, anos depois, adotou para fazer parte de sua carreira artística. Com a família, morava na travessa Bentevi, no tradicional bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. Filho do casal de judeus Alberto e Rebeca, tinha mais cinco irmãos: Beatriz, Perla, Sara, Léo e Henrique.

O espírito empreendedor de Silvio despertou em 1946. Como era ano eleitoral, decidiu vender capas para títulos de eleitor nas ruas cariocas. Muito sagaz, comprava carteirinhas e as revendia dizendo que era a última. Empolgado com a vocação de camelô, mal imaginava que anos depois aquele poder de comunicação, capaz de convencer os transeuntes a levar capinhas ou, mais tarde, canetas e outros objetos, invadiria os lares dos brasileiros para vender entretenimento por mais de seis décadas.

Em 1948, aos 18 anos, precisou servir ao Exército e deixou a profissão de ambulante. Serviu na Escola de Paraquedistas da Força.

Início do sonho

Foi o diretor da fiscalização da prefeitura, que impediu Silvio de continuar exercendo a profissão, quem percebeu que ele levava jeito para a comunicação. Assim, resolveu levá-lo até a Rádio Guanabara para ajudar o garoto.

Lá, Silvio passou por um concurso de locutores, em que ficou em primeiro lugar. Nessa disputa, estava competindo com nomes que seriam importantíssimos para a comunicação brasileira, como Chico Anysio, José Vasconcelos e Celso Teixeira.

Ficou por um tempo como locutor em algumas rádios, mas os

2 mil cruzeiros que ganhava não eram suficientes. Sendo assim, decidiu vender relógios, joias, colares e sapatos sob medidas. Dessa forma, tentava garantir o sustento conciliando os trabalhos como radialista e vendedor. Nesaa época,

Silvio trabalhava em uma emissora de Niterói. Voltando para o Rio de Janeiro, retornava em uma barca que ligava as duas cidades. Em uma dessas tantas viagens, resolveu colocar uma música de fundo, com o intuito de vender seus produtos

utilizando um alto-falante. A partir daí, virou corretor de anúncios e deixou o emprego na rádio.

Em 1954, assinou o primeiro contrato como locutor da Rádio Nacional, em São Paulo. Mas, ainda assim, Silvio queria melhorar suas condições financeiras. Criou a revista *Brincadeiras para Você*, com o atrativo de palavras cruzadas e algumas charadas. Fez isso para complementar a renda, que ainda contava com o apoio incansável da sua jornada como corretor de anúncios e shows em circos como animador em suas caravanas. Depois de tantas experiências, foi chamado por Manoel de Nóbrega, pai de Carlos Alberto de Nóbrega, para trabalhar como animador na Rádio Nacional.

Na época, o Baú da Felicidade — empresa de Nóbrega — enfrentava problemas, e Silvio chegou para solucioná-los. Envolvido com o negócio, a situação, de repente, estabilizou-se. Ao pagar uma mensalidade, as pessoas concorriam a prêmios como geladeiras, fogões e TVs. O empenho

do Senhor Abravanel logo foi percebido por Manoel. Ele, inclusive, resolveu presentear-lo com o Baú.

Silvio Santos iniciou sua carreira na televisão em 1961. O primeiro programa, chamado de *Vamos Brincar de Forca*, era apresentado na TV Paulista. Com o sucesso da atração, Silvio decidiu estreitar um programa aos domingos. Corajoso e irreverente, buscava sua consolidação. Comprou as duas primeiras horas da programação da TV Paulista (Globo), canal 5, a partir do meio-dia. Assim, o Baú ganhou a melhor vitrine que poderia ter. Nascia aí, uma das maiores glórias da televisão brasileira.

Versátil, o comunicador nunca abandonou o perfil empreendedor. Criou o Grupo Silvio Santos, com empresas em diversos setores, como a hotelaria e a indústria de cosméticos.

Nos anos 1980, ele chegou a tentar a carreira política, chegando a se candidatar à Presidência da República, mas desistiu.

Popular

Silvio Santos passou pelas principais emissoras de TV do país: Tupi, Globo, Record e o próprio SBT, que antes se chamava TVS.

Os quadros de seu programa de auditório, Silvio Santos, caíam no gosto popular, como nas perguntas e respostas do *Show do Milhão*, o *Namoro na TV*, a *Porta da Esperança* e *Topa Tudo por Dinheiro*.

Quando completou 31 anos de exibição, o programa Silvio Santos se tornou o mais duradouro da história, segundo o *Guinness Book*. Proprietário do SBT desde 1981, o comunicador é considerado, por muitos, um dos maiores ícones da história do Brasil.

Silvio Santos estava afastado da televisão desde 2022, quando apresentou pela última vez seu tradicional programa. O comando da atração ficou a cargo da sua filha Patrícia Abravanel.

Qual a sua lembrança de Silvio Santos?

Welber Costa,
66 anos, corretor de imóveis e morador do Jardins Mangueiral

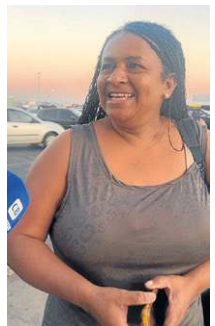
“Foi um dos maiores comunicadores da nossa televisão e ajudou muitas pessoas. Sua perda é imensurável para o Brasil. Eu assistia muito ao programa dele quando era mais jovem, e gostava principalmente das pegadinhas. Fomos criados assistindo ao programa dele. É o ciclo natural da vida: nascer, crescer e morrer. Mas há pessoas que deveriam ser eternas.”

Fotos: Pedro Mesquita/CB



Maria da Conceição
50 anos, dona de casa e moradora do Arapoanga

“Silvio Santos levava sonhos para dentro das casas das pessoas; inclusive, em uma das ocasiões, eu até tentei ser sorteada em um dos quadros, mas não consegui. Além disso, seus programas tinham as famosas brincadeiras com o aviãozinho na plateia. Ele era um grande homem da família brasileira, sempre priorizando a família em suas falas.”



Marcelo Rodrigues,
70 anos, vigilante e morador do Guará

“É uma perda enorme para o nosso país. Ninguém será capaz de igualar o legado de Silvio Santos. Eu costumava assistir a todos os domingos à noite, porque era um programa familiar. Ele foi um dos melhores no que fazia. Fará muita falta, pois ninguém se aproximará do que ele realizou.”



Veja mais

O *Correio* foi às ruas do Distrito Federal, para saber qual a maior lembrança do apresentador Silvio Santos. Para ver todos os vídeos, aponte a câmera para o QR Code.



Análise

O dono do auditório

Todas as reverências são poucas para homenagear Silvio Santos. Mesmo quem o considerava brega, ultrapassado, muitas vezes inconveniente tem que reconhecer: ele foi um empreendedor nato, desafiou vários padrões da televisão brasileira e pode ser considerado, sem medo, sinônimo do gênero programa de auditório.

Como apresentador, passou por todas as fases da TV brasileira: em preto e branco ou em cores, ao vivo ou gravado, com poucos ou muitos recursos tecnológicos. Ele era sempre a atração principal, dividindo os holofotes seja com artistas conhecidos, seja com os calouros anônimos ou as “colegas de trabalho”. Paletós com padronagens estranhas, o microfone pendurado no peito, o cacoete da língua nos lábios. Nosso amigo íntimo.

Como empresário de TV, não descansou até conseguir montar sua rede de emissoras e lutou pela liderança de audiência — na maior parte do tempo, ficou com a vice ou o terceiro lugar. Era conhecido pela interferência direta na programação, o que provocava uma inconstância de horários de exibição e a retirada repentina de programas do ar. Mas deixava claro: quem mandava era ele.

Consolidou o programa de auditório como atração televisiva. A fórmula certa — carisma do apresentador + atrações variadas + plateia animada — foi exaustivamente copiada e assimilada. Chegou a ficar 12 horas no ar aos domingos, tornando-se, junto

com a missa e a macarronada, parte do cardápio do fim de semana.

Quem era criança a partir dos anos 1960, com certeza, tem lembranças dos vários programas que Silvio Santos apresentou ao longo da carreira gigantesca. A narração sempre exagerada, o desfile de artistas populares, o jeito espontâneo — muitas vezes, até demais —, são muitas as características da presença do apresentador na TV. Tanto que o Rei dos Domingos povoa a internet com memes, que já existiam antes de serem batizados com essa expressão.

Mesmo antes da TV fechada e dos streamings, muita gente já torcia o nariz para os exageros da TV aberta. E Silvio Santos era sinônimo de exagero: a cobertura jornalística da morte dele, que ocupou a programação de várias emissoras neste sábado, destacou cenas hilárias, com o apresentador montando um burro no palco, caindo n'água ou escorregando num tapete.

Era essa a magia. O mesmo homem de bilhões de reais parecia o tiozão do pavê, aquele que dá vexame no fim da festa de casamento. Ao mesmo tempo em que exaltava o tamanho dos estúdios do SBT às margens da Via Anhanguera, em São Paulo, ele falava com o público como se estivesse dentro da casa das pessoas.

Arriscou-se na política, sempre foi alinhado aos governos conservadores, colocou no ar, durante alguns anos, a *Semana do Presidente*, programete

que resumia os feitos dos presidentes da República. Por outro lado, sempre abriu espaço para os artistas LGBTQIA+ nos seus programas, o que só veio a acontecer em outras emissoras muito tempo depois. Incoerente total.

Sei que muita gente agora vai dizer que “nunca assistiu ao Silvio Santos”. Humm. Desconfie. Que atire a primeira pedra quem não tentou adivinhar as melodias ocultas do Qual é a Música. Ou os mais jovens, que no fim do domingo, completaram mentalmente alguma palavra do Roda a Roda Jequití. Fora os da minha geração, que se lembram, com certeza, do Boa Noite, Cinderela da infância ou da Porta da Esperança da juventude.

Silvio Santos vai ser sempre lembrado como referência na história da TV mundial: o dono de emissora que cultivou no brasileiro o gosto por novelas mexicanas mesmo diante de uma produção nacional de qualidade reconhecida ou o multiempresário que, a partir da TV, fez negócios de sucesso, como a Telessena e os perfumes da Jequití, que arrebataam até os artistas das concorrentes.

Eu tenho um arsenal de lembranças, outro de críticas, mas como estudioso de televisão, seria injusto deixar de reconhecer o valor de SS. Os acadêmicos já se debruçaram sobre essa história, há livros publicados sobre o fenômeno, registrando a grande herança de Silvio Santos: a capacidade de se comunicar com o público. Que me perdoem os influenciadores do presente, mas nisso, ele era o mestre maior.

Divulgação



Cláudio Ferreira
Jornalista e estudioso de televisão